

## **Garimpagem na Amazônia: a extração ilegal de ouro na Fronteira Franco-Brasileira <sup>1</sup>**

Rafael Oliveira ALEIXO<sup>2</sup>  
Antonio Carlos SARDINHA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

### **Resumo**

Este trabalho consiste em registro, reflexão e análise histórica sobre a garimpagem clandestina na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. A pesquisa de campo é complementada com os dados obtidos na apuração da reportagem “A corrida clandestina pelo ouro na fronteira”, veiculada na 4ª edição do jornal laboratorial *Cuíra*, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. A reportagem relata a situação de brasileiros que se arriscam na busca por ouro em terras protegidas legalmente como áreas de preservação ambiental e áreas indígenas no Departamento Ultramarino Frances, na América do Sul. De acordo com a apuração do trabalho, desde o fim da década de 1990 com o aumento do preço do ouro, cerca de 5 a 15 mil brasileiros trabalham de forma ilegal na região onde também são depositados anualmente, diretamente no meio ambiente, cerca de 30 mil toneladas de mercúrio.

**Palavras-chave:** Comunicação; Fronteira; Garimpo; Ouro.

### **Relações Diplomáticas Conturbadas: O Contestado Franco-Brasileiro**

As incursões francesas na região do Orénoque e a boca do Amazonas, desde o século XVI, resultaram na colonização da atual região da Guiana Francesa (CARDOSO, p. 14). Apesar da independência do Brasil do domínio de Portugal, o Cabo Norte continuou sendo uma terra desconhecida para o governo monarquista.

Alguns estudos sobre este período mostram que, toda a fase do Brasil escravista imperial, as relações diplomáticas entre Brasil e França, em torno dessas regiões, ocorriam basicamente por causa das constantes fugas de escravos negros, de índios, soldados desertores e homens brancos pobres. A fronteira representava um espaço de liberdade (GOMES, 1999).

Já no fim do século XIX com a descoberta de ouro no leito do Rio Calçoene (na região próxima ao atual garimpo de Lourenço) a atenção dada à região cresceu.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: rafael.aleixo1912@gmail.com

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP: sardinha@unifap.br

A descoberta, em 1893, de ricas jazidas auríferas intensificou a corrida pelo ouro. Garimpeiros das Antilhas, Guiana Inglesa, Holandesa, Venezuela e de outros locais buscavam a riqueza nas terras brasileiras (CARDOSO, p. 15).

Surgiu a partir de então uma série de conflitos na região. A França afirmava que o rio em que Vicente Pinzón (navegador espanhol) havia navegado – e delimitado as terras - era o atual Rio Araguari, fato negado pelo governo brasileiro.

No auge do contestado, franceses chegaram a proclamar uma república independente, a de Guanany, no atual distrito de Cunani, município de Calçoene, chegando a ter moeda própria e bandeira.

A questão de fronteiras na Amazônia, desde o período colonial, representa uma discussão bastante delicada tendo em vista a extensão dessa região que gerou inúmeras dificuldades no controle de sua posse. Uma das formas do governo português garantir o seu domínio sobre estas regiões foi dividir a sua colônia, na América, em dois estados praticamente independentes entre si de forma que, no século XVIII, foi criado o Estado do Grão-Pará e Maranhão separado do Estado do Brasil. Porém, nem mesmo esta medida conseguiu assegurar sua posse efetiva, haja vista, além da extensão da região, haver o acesso difícil e o baixo contingente populacional (CARDOSO apud MACHADO, 2008, p.13).

Imagem 1 – Frente da cidade de Calçoene, onde no fim do século XIX era a vila do Firmino com predominância de população francesa.



Foto: Rafael Aleixo

Porém, havia o Tratado de Utrecht, assinado em 1713 pela França e por Portugal, que estabelecia o Oiapoque como fronteira entre os dois reinos na América do Sul, pelo que o Brasil, como "herdeiro do Império Português", alegava o direito de exercer soberania sobre as terras ao sul daquele curso fluvial.

A situação só foi resolvida quando o Brasil, através do Barão do Rio Branco, vencer a questão em tribunal suíço, onde ficou confirmado que o Rio Vicente Pinzón era de fato o Rio Oiapoque e, que este era o marco divisor entre os dois países.

Os últimos anos do século XIX foram marcados por diversas mudanças no Brasil. A abolição da escravidão, a transferência do centro econômico do Nordeste para o Sudeste, a decadência do Império e a Proclamação da República foram, de fato, mudanças que repercutiram em todo o território nacional. Este era representado de forma ainda bastante frágil por algumas regiões, havendo, então, um grande desconhecimento das extensas áreas localizadas na Amazônia. Justamente nessas fronteiras, a discussão e a negociação acerca de limites foram oficialmente concluídas por meio de tratados que visavam a ocupação do território pelos brasileiros (CARDOSO, 2008, p. 45).

Conforme destacam Silva e Rückert (2009), “atualmente a integração física do Brasil como questão central do interesse nacional e ao combate às atividades ilícitas, atribui às suas fronteiras um novo papel estratégico”. De forma que reativassem as fronteiras por esse duplo processo, tornando as relações transfronteiriças um tema prioritário das relações internacionais.

### **O Amapá na visão estrangeira**

O Estado do Amapá está entre os mais novos do Brasil, tendo sido elevado à categoria de Estado com a Constituição de 1988 (AUGUSTO et al In: JACKS, 2014, p. 22). Entretanto possui uma história longa e cheia de conflitos, em grande parte, por conta das riquezas naturais existentes em seu território.

Antes parte do Grão-Pará, o Amapá foi desmembrado do Estado do Pará no ano de 1945, fortalecendo a ideia de proteção territorial da Amazônia brasileira, uma vez que a região do Estado possui grande potencial de matérias primas e estratégica posição geográfica, que serve como “porta de entrada” para a Amazônia através do Rio Amazonas.

Essa importante localização geográfica foi vista e usada, por exemplo, pelos estados Unidos da América para abrigar uma Base Aeronaval que serviu como ponto de reabastecimento de aviões nos anos de 1941 a 1945 durante a II Guerra Mundial (LEAL, Maura, 2007, p. 25).

Imagem 2 – Carro-Tanque deixado pelas forças norte-americanas após a II Guerra Mundial



Foto: Rafael Aleixo

Hoje, com cerca de 669 mil habitantes (IBGE, Censo 2010), o Amapá ainda é observado como um rico potencial de recursos naturais, entre eles a riqueza petrolífera existente em seu litoral.

### **A migração em massa de brasileiros para a Guiana Francesa**

A migração em massa de brasileiros para a Guiana Francesa se deu a partir do final da década de 60 com a construção da Base Espacial de Kourou, como afirma Gutemberg:

... um envolvimento interessante entre as nações (Brasil-França) se dá no âmbito da cooperação das atividades espaciais. É importante ressaltar que, em 1968, foi criado o Centro Espacial de Kourou em solo da Guiana Francesa, motivando as relações mencionadas. O Centro Espacial de Kourou, construído pela Agência Espacial Europeia, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento econômico da Guiana Francesa, não só por gerar empregos, mas também por introduzir tecnologia de ponta e informática, transformando a Guiana Francesa num dos mais importantes territórios europeus em solo americano (GUTEMBERG, 2011, p. 64).

Milhares de brasileiros migraram para as cidades de Kourou e Caiena (capital da Guiana Francesa). Após a inauguração da base aeroespacial francesa, muitos brasileiros não retornaram ao Brasil. Criou-se a partir de então um grande problema social, pois, uma vez



que havia chegado ao término da obra, não haviam empregos suficientes para todos esses trabalhadores (GUTEMBERG, 2011, p. 65).

Imagem 3 – Rio Oiapoque, fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.



Foto: Rafael Aleixo

A quantidade de brasileiros que permaneceram no Departamento Francês reflete nos dias atuais, onde bairros inteiros periféricos de Caiena são habitados por brasileiros.

### **Apuração da reportagem: a atual situação da garimpagem ilegal**

A falta de empregos com o alto preço do ouro no mercado influenciou a ida de brasileiros em busca de ouro na região.

Hoje, brasileiros de várias regiões colocam a vida em risco na busca por ouro na Amazônia transfronteiriça. De acordo com a Organização Não-Governamental WWF Brasil (Fundo Mundial para a Natureza), a exploração acontece em terras protegidas legalmente como algumas áreas de preservação ambiental e reservas indígenas. A ONG confirmou ainda que o fim da década de 1990, com o avanço do preço do ouro, entre 3 mil e 15 mil garimpeiros trabalham ilegalmente na região.

Para essa e outras pesquisas documentais, foram utilizadas bases teórico-metodológicas. Sodré e Ferrari afirmam sobre a reportagem documental que:

É o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. ...A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão. (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 64)

Na pesquisa de campo, através de entrevistas, verificou-se que grande parte dos garimpeiros são nordestinos e paraenses que se arriscam no trabalho ilegal na esperança de conseguir ficar rico, ou como se diz no linguajar dos garimpeiros, “bamburrar”.

Esses garimpeiros saem em voadeiras e catraias (pequenas embarcações) do município de Oiapoque, distante cerca de 600 km de Macapá, e partem rumo ao lado francês da fronteira. Para chegar até os “varadouros” (caminhos na floresta que guiam os garimpeiros da margem do rio até o garimpo) é necessário subir o rio Oiapoque passando por grandes corredeiras, onde diversos naufrágios acontecem devido ao excesso de peso levado pelas embarcações e também pelas condições geográficas do Rio Oiapoque.

A apuração da reportagem utilizou mecanismos jornalísticos de investigação e coleta de informações para relatar o assunto e os problemas que o envolvem. Lage diz que:

A reportagem não cuida da cobertura de um fato singular ou de uma série de fatos, mas de um levantamento de um assunto ou de um relato de um episódio complexo, de acordo com um ângulo preestabelecido. (LAGE, 2006, p. 54)

Imagem 4 – Embarcações que levam os garimpeiros de Oiapoque até os “varadouros”



Foto: Rafael Aleixo

Essa situação põe em perspectiva a situação de atuação quanto ao combate dos dois países em relação à garimpagem ilegal. Gutemberg afirma que:

Historicamente, as fronteiras foram relacionadas com os grandes conflitos da humanidade, e sua demarcação ocupa o primeiro lugar quando se trata de estabelecer os acordos de paz ou de convivência pacífica entre nações. Com o processo de imposição dos costumes europeus noutros continentes, conhecido como colonização, a fronteira dos Estados se configurou fora da Europa, para, com isso, impor-se ao conjunto do planeta (GUTEMBERG, 2011 apud FOUCHER, 1991).

Para a Polícia Civil de Oiapoque, o rio é a principal rota do contrabando de ouro na região, onde existem dois trechos em que o metal atravessa a fronteira da Guiana Francesa para o Brasil. A primeira é pela região oeste, no sentido da cabeceira do rio, onde os garimpeiros passam por cachoeiras e atravessam com pequenas quantidades de ouro. A segunda, onde o número de garimpeiros é menor, mas a quantidade de ouro é bem maior, se encontra no litoral do Cabo Orange, no Oceano Atlântico – onde também é contrabandeado o ouro vindo do Suriname. Nessa segunda rota, na costa franco-guianense e brasileira, devido as condições do ambiente marítimo, as fiscalizações acontecem em menor número e escala.

Imagem 5 – Garimpeiro que não conseguiu chegar ao local de desembarque para os garimpos



Foto: Rafael Aleixo

No trajeto até chegar aos “varadouros” os garimpeiros passam em frente a uma companhia do Exército brasileiro, que está localizada no distrito militar de Crevelândia do



Norte, distante cerca de 20 km da cidade de Oiapoque. Apesar disso, nenhuma fiscalização consegue deter a circulação de garimpeiros e objetos transportados para os garimpos.

De acordo com a Companhia Especial de Fronteira do Exército brasileiro, a fiscalização de produtos e mercadorias no rio é dificultosa em razão da existência de duas vilas subindo o Rio Oiapoque, a vila Brasil e a vila Bela.

Essa Companhia do Exército brasileiro tem o poder de polícia por 150 quilômetros na faixa de fronteira. Isso facilita em parte o controle do tráfego de embarcações na região, mas não é suficiente para acabar com o contrabando de ouro. O Exército realiza diversas operações durante o ano e se depara com algumas inovações dos garimpeiros para driblar as fiscalizações.

Com a dificuldade de transportar grandes quantidades de ouro pela rota oeste do rio, os responsáveis pelos garimpos ilegais chegaram a construir até pistas de pouso em meio a floresta fechada. De acordo com entrevista com um comandante do Exército, inúmeras pistas de pouso clandestinas, no lado brasileiro da fronteira, já foram destruídas.

### **Os danos ao meio ambiente causados pelo mercúrio**

A Rede WWF estima que, a cada ano, 30 toneladas de mercúrio são descartadas no ambiente natural das Guianas. A ONG realizou recentemente seu último voo do ano sobre áreas localizadas no coração do Parque Amazônico da Guiana Francesa ainda fortemente afetadas pelas atividades de mineração ilegal.

Em 13 de dezembro de 2008, os sítios ilegais estavam mais concentrados nas cabeceiras dos principais tributários do Rio Appouague. A Vila de Camopi, cujos residentes pediram para ser integrados ao Parque para limitar sua exposição aos problemas da mineração ilegal, continua cercada de acampamentos de garimpeiros clandestinos.

### **Os danos à saúde causados pelo mercúrio**

De acordo com entrevista realizada com a professora do curso de Farmácia da Universidade Federal do Amapá, Deise Dantas, no Brasil, as principais atividades ocupacionais com risco de exposição ao Hg (mercúrio) são o garimpo do ouro, a indústria de produtos químicos, elétricos, automotores e de construção e a odontologia.

A exposição crônica ao mercúrio elementar afeta o organismo podendo resultar em uma doença chamada “hidrargirismo” ou “mercurialismo”. Embora não seja o primeiro sintoma, o tremor nos dedos, nas pálpebras, nos lábios e na língua é o efeito mais



característico dessa contaminação. “Inicialmente, surge um quadro de sinais e sintomas não específicos que é denominado síndrome “astênico-vegetativa” ou “micromercurialismo”. A síndrome é identificada por neurastenia, hipertrofia de tireoide, aumento da captação de iodo radioativo pela tireoide, pulso fraco, taquicardia, dermatografismo, gengivite, alterações hematopoiéticas e aumento da eliminação urinária de mercúrio”, afirma a professora.

Segundo a pesquisadora, progressivamente, pode haver o desenvolvimento de uma síndrome comportamental denominada “eretismo”, na qual o paciente apresenta um quadro de sintomas que incluem a insônia, timidez, nervosismo, náuseas, perda de memória, tremor, humor instável, ansiedade, sonolência e depressão. Os casos mais graves podem apresentar delírio, alucinações, melancolia suicida e psicose maníaco-depressiva - desordem cerebral que causa alterações incomuns no humor, energia e capacidade de desempenhar funções.

**“Se há a extração, é porque há compradores do ouro contrabandeado!”**

Segundo a Polícia Federal de Oiapoque, as investigações conseguem interceptar apenas pequenas quantidades de ouro. A PF declarou que a maior parte sai da região sem entrar em Oiapoque, como a rota oceânica.

Imagem 6 – Ponto de venda e compra de ouro na cidade de Oiapoque



Foto: Rafael Aleixo

Para Lage, o repórter é a principal fonte de transmissão de informações para a sociedade;

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. (LAGE, 2006, p. 23).

Além do ouro, outros produtos são contrabandeados. Segundo o auditor fiscal da Receita Federal em Oiapoque, Marcos Priotto, a fronteira do Brasil com a Guiana Francesa é atípica devido a intensa fiscalização no lado francês, passando assim pequenas quantidades de materiais e objetos contrabandeados. Segundo o auditor, não é pela Guiana Francesa, e sim, pelo Suriname que chegam as maiores quantidades de produtos clandestinos.

### **A economia do ouro e a prostituição**

O dinheiro do ouro em Oiapoque, alimenta e garante o sustento das famílias dos garimpeiros, mas também alimenta outro mercado, o da prostituição.

Segundo Valéria (que preferiu usar um nome fictício), de 24 anos, que faz programas sexuais em uma boate da cidade, os seus principais clientes são os franceses, os pescadores da região e os garimpeiros.

Valéria entrou para o mercado da prostituição, segundo ela, devido à falta de oportunidades de emprego na cidade. Essa triste realidade é vivenciada por inúmeras outras mulheres em Oiapoque.

Em entrevista ela afirmou: “na realidade, é por falta de opção. Eu já trabalhei em uma loja e ganhava um salário mínimo. Aqui eu durmo com dois homens e ganho o mesmo tanto”, afirmou. Ela está grávida de 3 meses e diz que vai deixar a prostituição e vai morar em Macapá, para cuidar de seu filho. A família, que mora em Macapá, não sabe que ela faz programas e nem que está grávida. “Eu quero sair daqui e continuar meus estudos”, conta. Valéria ganha em média de 2 a 3 mil reais por mês, mas diz que o custo de vida na cidade também é alto.

A reportagem do jornal Cuíra apurou que jovens de outros estados fazem programas em Oiapoque, são as “prostitutas de luxo”, trazidas de outros estados brasileiros para satisfazer o desejo sexual de empresários e garimpeiros da região. Para Sodré e Ferrari:

...a história de interesse humano oferece uma releitura de um acontecimento a partir de detalhes que possam suscitar a emoção do leitor, os quais são costurados numa narrativa bem elaborada; já a história colorida tem como tônica a descrição dos cenários onde os fatos ocorrem, suas cores e sensações

percebidas pelo repórter. Por isso mesmo, ambos os formatos exigem que o jornalista vá a campo fazer sua apuração. (ASSIS, 2010, p. 151)

Segundo o garimpeiro Zeca (preferiu usar apenas o apelido), algumas meninas são “bancadas” (pagas) e chegam a vir de Macapá e até de Belém para Oiapoque. São mulheres de bela aparência com corpos bem definidos e que buscam na prostituição um meio mais rápido de conseguir dinheiro.

Mesmo com o dinheiro dos garimpos, boa parte da prostituição local acontece por conta dos estrangeiros. Os franceses e guianenses, segundo Valéria, gostam da forma do corpo da mulher brasileira, com curvas sinuosas e a “bunda grande”. O movimento em bares, casas de show e boates são intensos na cidade e viram a noite.

### **Acordo Bilateral contra a garimpagem ilegal**

Já existe um termo assinado entre o Brasil e a França contra a garimpagem ilegal na região. Os presidentes, na época da assinatura do acordo, Luiz Inácio Lula da Silva e Nicolas Sarkozy, da França, assinaram, o termo de cooperação para combater a mineração ilegal de ouro na Amazônia.

Segundo a ONG WWF Brasil, desde o fim da década de 1990, com o avanço do preço do ouro, entre 3 mil e 15 mil garimpeiros trabalham ilegalmente no território da Guiana Francesa.

O governo francês também lançou inúmeras operações com o objetivo de acabar com a extração ilegal de ouro, entre elas está uma das mais recentes, o conjunto de Operações Harpia. As operações tiveram vida curta por falta de cooperação transfronteiriça efetiva com o Brasil. Por isso, não foi possível conter o fluxo de suprimentos e logística para as áreas de mineração ilegal, que afetam, particularmente, o Parque Amazônico da Guiana Francesa e as comunidades indígenas.

Imagem 7 – Ponte Binacional que liga o estado do Amapá à Guiana Francesa



Foto: Rafael Aleixo

Do lado brasileiro a maior operação aconteceu no fim de 2015, a Operação Ágata, cujo objetivo foi combater delitos transfronteiriços e ambientais na faixa de fronteira de toda a Amazônia brasileira.

## Referências

- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1986.
- SCHMTIZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. 1. ed. Florianópolis: Combook, 2011.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1990.
- RUDIN, Richard. **Introdução ao jornalismo: técnicas essenciais e conhecimentos básicos**. São Paulo: Roca, 2008.



GOMES, Flávio do Santos. **Relatos de Fronteiras: fontes para a História da Amazônia séculos XVIII e XIX**. Belém: Editora Universitária.

CARDOSO, Francinete do Socorro Santos. **ENTRE CONFLITOS, NEGOCIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES: O Contestado Franco-Brasileiro na última década do século XIX**. Belém: Graphitte, 2008.

SILVA, Maura Leal da. **A Base Aérea de Amapá: memória e imaginário. A ontogênese da nação nas margens do território nacional: o projeto janarista territorial para o Amapá (1944-1956)**. São Paulo. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/a-sombra-da-segunda-guerra-mundial-alcanca-a-amazonia/30199/#ixzz2ebR61KmT>> . Acesso em 11 de setembro de 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acessado em 08 de junho de 2015. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>

2013.SILVA, Guttemberg de V.; RÜCKERT, Aldomar. “**A fronteira BrasilFrança Mudança de usos políticoterritoriais na fronteira entre Amapá (BR) e Guiana Francesa (FR)**”. CONFINS: Revista FrancoBrasileira de Geografia. N. 07, 2009. Disponível em: Gutemberg de V. Silva e Aldomar A. Rückert, « A fronteira BrasilFrança », Confins[Online], 7 | 2009, posto online no dia 31 Outubro 2009, consultado o 24 Julho 2015. URL : <http://confins.revues.org/6040> ; DOI : 10.4000/confins.6040

De Vilhena Silva, GUTEMBERG. Interações Espaciais entre Territórios Periféricos no Norte da América do Sul. Acesso em 10 de julho de 2016. Disponível em <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/percurso/article/view/297/262>>

Souza Góes, DAVID. Maria Chaves de Brito, DAGUINETE. **Uma etnografia da circulação de garimpeiros brasileiros entre Oiapoque -Guiana Francesa: vivências em conflitos**. Acesso em 10 de julho de 2016. Disponível em <[http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020682\\_30\\_06\\_2015\\_20-44-11\\_6404.PDF](http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020682_30_06_2015_20-44-11_6404.PDF)>

GRANGER, Stéphane. **O CONTESTADO FRANCO-BRASILEIRO: desafios e consequências de um conflito esquecido entre a França e o Brasil na Amazônia**. Acesso em 10 de julho de 2016. Disponível em <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e17a2.pdf>>

AUGUSTO, Isabel Regina; PANTOJA, Kelly Tork; et all. "Amapá". In: JACKS, Nilda; TOALDO, Mariangela (Org.). **BRASIL EM NÚMEROS: dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais**. Florianópolis: Editora Insular, 2014, pp. 55-70.

TOSTES, José Alberto. **Transformações Urbanas das Pequenas Cidades Amazônicas (AP) na faixa de fronteira Setentrional**. Rio de Janeiro, Publit: 2012. Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/oiapoque/>